

APRESENTAÇÃO

O dossiê “A teoria da história e a história da historiografia ante os desafios contemporâneos: saber histórico, comprometimento ético e ativismos políticos” surgiu a partir da ação conjunta do GT Nacional de Teoria da História e História da Historiografia da Associação Nacional de História – ANPUH, do Fórum de Teoria da História e História da Historiografia – FTHHH e do grupo de pesquisa Teoria da História e História da Historiografia no Brasil (UFMS), que reúnem pesquisadores de todas as regiões do país e de diversas instituições e níveis de ensino que refletem sobre a teoria da história e a história da historiografia como aspectos substanciais da produção do conhecimento histórico. Um dos propósitos que articulam esses grupos é contribuir para o fortalecimento dessa área de pesquisa não só nos meios acadêmicos, propondo agendas e debates, mas também procurando estabelecer a importância da aproximação desses historiadores com a sociedade e as demandas do tempo presente, ampliando com isso o horizonte de legitimidade social da disciplina e daquelas áreas de pesquisa.

Portanto, esse dossiê, em grande medida, se apresenta como um retrato dessas discussões. No conjunto de textos que se segue o leitor encontrará um debate sobre os múltiplos sentidos atribuídos a pesquisa e a escrita da história, pensada como um processo contínuo de construção, reconstrução e recepção do conhecimento histórico, produzido com base em critérios epistemológicos, teóricos, metodológicos, políticos, estéticos e historiográficos, mas sem perder de vista as suas responsabilidades éticas de atuar como lugar produtor de respostas possíveis para as demandas sociais e políticas de um dado período e lugar, que é sempre o presente a partir do qual o historiador perscruta o passado, visando dentre outras coisas entendimento e orientação.

O artigo que abre a discussão intitulado *Rupturas na continuidade histórica e ação política: diálogos entre Hannah Arendt e Walter Benjamin* de autoria de **Mariana Amaral Fogueral** apresenta um debate profícuo e atual sobre a produção do conhecimento histórico a partir das leituras de Hannah Arendt e Walter Benjamin, pensando essa produção a partir dos conceitos de experiência, tradição e narrativa e estabelecendo-a como horizonte político qualificado para reivindicar a intervenção direta em questões práticas do tempo presente, oferecendo um *superávit* cognitivo capaz de restaurar as expectativas no potencial humano, de produzir futuros menos sombrios e obscuros que o nosso presente.

Outro texto que investe nessa atualização do sentido histórico é *Pós-Modernismo e Teoria da História: o relativismo revisitado*, de **Manoel Gustavo de Souza Neto**. Nele o autor analisa o papel da linguagem na História dialogando com dois autores tidos como pós-modernos – Hayden White e J.F. Lyotard – para questionar o sentido corrente de algumas interpretações que reduzem o pós-modernismo a equiparação direta e rasa dos estatutos

epistemológicos da História e da Literatura. Com essa proposta, o autor defende a primazia deste debate para a compreensão de uma necessária conciliação entre os critérios científicos da pesquisa histórica com a dimensão poética, atualizando estes autores com base em questões que já estavam sinalizadas para a pesquisa histórica desde o historicismo.

Ainda nessa senda de debate sobre representação e epistemologia histórica, o texto *Emergentismo e representância: o debate historiográfico entre White e Ricoeur*, de autoria de **Dagmar Manieri**, apresenta um debate que atualiza o sentido de objetividade histórica ao fazer uma leitura de White que ao mesmo tempo em que rebate algumas de suas proposições, incorpora outros de seus argumentos pensando-os e relacionando-os às discussões da epistemologia da história produzida por Paul Ricoeur.

Aprofundando e diversificando essas reflexões sobre a escrita da história a partir do eixo objetividade e narrativa o texto *A subjetividade neoliberal contemporânea versus histórias baseadas na alteridade: identificação narrativa, linguagem e escrita da história* de autoria de **João Camilo Grazziotin Portal** coloca como uma questão premente reconhecer que a disciplina histórica, tradicionalmente, afastou a imaginação e a subjetividade de sua narrativa, baseada numa preocupação com a verdade. Nesse sentido, o autor defende com base num diálogo com Judith Butler e Christian Dunker que a história precisa assumir seu papel de produção de corpos e inserir artificios imaginativos e mnemônicos a partir de novas linguagens e problemáticas, principalmente se quiser alcançar públicos mais amplos que o dos pares.

Refletindo sobre subjetividade, alteridade e escrita da história, o texto *Interseccionalidade como categoria de análise na Revista Estudos Feministas (1992-2019)*, de autoria de **Janai Lopes Harin** apresenta a historicização da apropriação desta categoria nos trabalhos deste periódico tão significativo para os estudos de gênero e a teoria feminista no Brasil. Para além de uma história das apropriações e usos de uma categoria de análise histórica, o texto também apresenta uma reflexão historiográfica, sobre o lugar e a importância das revistas especializadas na produção da pesquisa histórica no Brasil.

Tendo como mote analítico as categorias imaginação, estética, narrativa e performatividade o texto *Paul Gilroy e a Black Britain: a figuração-performativa da narrativa e a escrita antirracista da história*, de autoria de **Gabriel Gonzaga** apresenta uma contextualização do pensamento do autor através de um esforço de definição do seu conceito de diáspora, para inquirir sobre a possibilidade de identificar uma historiografia antirracista em sua obra e como esta pode ser mobilizada para o enfrentamento político de tais questões no presente.

A relação entre tempo presente e produção historiográfica é colocada em primeiro plano pelo texto *O que a COVID-19 tem a dizer aos historiadores? Uma breve reflexão sobre o presente e o futuro historiográfico*, de autoria de **Marlon Ferreira dos Reis**. Nele o autor professa a importância da teoria da história e dos historiadores profissionais colocarem a crise político-ambiental, escancarada pela pandemia, como um tema central das análises históricas objetivando formas de enfrentamento das fake news, dos diversos negacionismos e do anticientificismo de uma maneira geral, o que no atual contexto de pandemia no Brasil têm atingido as ciências como um todo, colocando em cheque a legitimidade social do conhecimento científico e sua capacidade de dar respostas a crises como essa que vivemos.

Na mesma trilha de pensamento do texto anterior, mas desbravando outros espaços históricos e geográficos, o texto *Pensando o papel social do historiador a partir da publicação do Manifesto de Historiadores no Chile (1998-1999)* assinado por **Lays Correa da Silva** coloca como problema central a questão ética que envolve o trabalho nos historiadores no seu fazer historiográfico. Essa análise da experiência professada no manifesto dos historiadores chilenos contra os usos públicos do passado ditatorial do Chile que tentavam enaltecê-lo ou oferecer uma leitura laudatória tem muito a dizer numa perspectiva comparativa sobre as demandas postas aos historiadores brasileiros diante de um governo que trabalha para monumentalizar o passado, fazendo tabua rasa da violência, flertando com a morte na medida que além de elogiar a tortura e torturadores publicamente, nada faz para impedir a proliferação de uma doença que já matou mais de 60 mil pessoas e segue contando...

O texto *A cultura brasileira na síntese de Fernando de Azevedo* de autoria de **Wilson de Sousa Gomes** retoma e aprofunda uma discussão corrente na historiografia brasileira de pensar os debates acerca da interpretação do Brasil e da formação nacional por meio da análise da obra de um dos seus maiores expoentes. Esse olhar para o passado mediado pela fonte, carrega um desejo fecundo e manifesto de pensar a sociedade brasileira contemporânea por meio da compreensão da historicidade de suas mazelas.

O texto *(In)Confiabilidade da Memória como Introdução à Interpretação Temporal da Lembrança: um diálogo com Aleida Assmann*, de autoria de **Rodrigo Tavares Godoi**, propõe um diálogo crítico com a autora alemã pela via de uma hermenêutica da memória estruturada no pensamento de Henri Bergson. O diálogo com a autora é mediado por um esforço reflexivo de pensar a tensão entre experiência e historicidade. A ênfase do texto recai na reflexão da memória a partir de uma dimensão retórica que se vincula há algumas ideias de história trabalhadas pela historiografia.

Como nos faz lembrar o histórico e o título da Revista Trilhas da História: “trilhas são frestas costumeiramente abertas em lugares ditos ermos, quando buscamos construir

novos caminhos ou mesmo encurtar aqueles já existentes”. Elas se desenham pelo percurso de muitos passos e na tentativa de romper com as vias oficiais que se instauram. Nesse sentido, esse conjunto de textos aqui reunidos, seguindo uma orientação proposta pelo dossiê, se propuseram a apresentar a partir de suas experiências de pesquisa trilhas possíveis que podem ser percorridas e pavimentadas por outras pesquisas no futuro.

Boa leitura a tod@s, estamos certos de que será apenas percorrendo as trilhas do conhecimento que poderemos desbravar um amanhã menos tenebroso, mais humano e sustentável.

Organizadores do dossiê:

Profa. Dr. Luiz Carlos Bento (UFMS/CPTL)

Prof. Dr. Wagner Geminiano dos Santos (Redes municipais de ensino de São J. C. Grande e
Água Preta – PE)

APRESENTAÇÃO: ARTIGOS LIVRES, ENSAIOS E RESENHAS

Na seção **ARTIGOS LIVRES** o texto *A Feira Livre e a dinâmica sócio-espacial de Três Lagoas: horizontalidades e verticalidades* de autoria de **Fernando Carmona de Moraes Falco** e **Thiago Araújo Santos** apresenta a historicidade da produção do espaço urbano, analisando a relação indissociável entre espaço e sociabilidade. No texto a feira livre de Três Lagoas é apresentada ao leitor de forma entrelaçada a história do município e pensada tanto como lugar institucionalizado, pois atende a uma lógica de racionalização do espaço público empreendida pelo estado, quanto um lugar de afirmação e de disputas coletivas, horizontais – como um produto cultural, social e político, abertas à espontaneidade, onde o humano se expressa na sua multiplicidade.

Na sequência o texto *Entre céus e infernos: as fronteiras do eterno*, de autoria de **Aécio Thiago Alves de Souza** busca demonstrar analiticamente que o mito da punição eterna após a vida é uma construção da racionalidade filosófica ocidental, anterior ao cristianismo. Lançando-se na análise de uma forma de representar a contingência do tempo que deita raízes profundas na cultura ocidental, o autor pretende demonstrar um primado básico do historicismo de que a forma como representamos o mundo é histórica e que a compreensão dessa historicidade é a chave para a emancipação do espírito humano em relação as narrativas que nós mesmos produzimos, mas que ao serem sacralizadas enquanto dogmas, perdem a sua historicidade e se tornam dispositivos de poder e de controle que escapam a

compreensão dos indivíduos. No texto, busca-se compreender esse imaginário do inferno como uma visão de mundo construída historicamente para entender a sustentação de diversas formas de intolerância na contemporaneidade.

No texto *Livros didáticos: uma análise crítica de duas obras trabalhadas no nono ano do ensino fundamental e os caminhos percorridos para a construção do conhecimento histórico*, os autores **Hugo Alves Gonçalves** e **Maycon Regis Nogueira dos Santos** problematizam o papel, e os usos do livro didático no ensino de história através de uma análise das características gerais dos livros e por meio da comparação das estratégias e linguagens de duas obras específicas. Além de retomar uma discussão sobre os usos e abuso do livro didático, o texto também apresenta um estudo de caso interessante para pensarmos os limites e possibilidades desse objeto complexo que são os livros didáticos de história.

Numa perspectiva de levantamento e aprofundamento de temáticas para uma história da educação em Mato Grosso do Sul o texto *Mapeamento Inicial do Acervo Escolar em Naviraí-MS (2017-2018): Um Instrumento de Pesquisa*, de autoria de **Verônica Barbosa Andrade** e **Vivianny Bessão de Assis** apresentam a historicidade de uma escola do Estado a partir de uma perspectiva quantitativa e qualitativa, aliando pesquisa bibliográfica e pesquisa documental. Esse tipo de trabalho além de evidenciar questões históricas importantes para a compreensão da história da educação e do município, também faz um trabalho de levantamento e conservação de fontes que podem servir de base para trabalhos futuros.

Na sessão **ENSAIOS DE GRADUAÇÃO**, o texto *A formação da identidade brasileira presentes em “Brasil na América” de Manoel Bomfim e “Populações Meridionais no Brasil” de Oliveira Viana* de autoria de **Luana Dias dos Santos**, busca apresentar uma análise preliminar das obras desses autores, tendo como eixo analítico o debate sobre a importância da miscigenação na construção da identidade brasileira, dando ênfase nas diferentes abordagens que essas categorias tiveram na historiografia sobre a nação no Brasil. O ensaio tem como objetivo central a análise dessas duas obras, que procuraram construir um ideal de identidade nacional, centrada em duas visões distintas, e ao mesmo tempo, analisar os discursos que se tornaram dominantes na sociedade brasileira, reificando tanto narrativas e formas de representar o processo de escravização dos negros quanto o papel das elites no desenvolvimento nacional. O texto do ensaio, faz uma boa introdução a este debate.

E fechando a sessão Ensaios de Graduação o texto *Considerações sobre o ensino de história a partir dos pressupostos de uma educação inclusiva* de autoria de **Andresa Fernanda Silva** e **Isabela Rodrigues Regagnan** apresentam uma pesquisa inicial sobre a temática objetivando por intermédio da história oral compreender como os professores trabalham e

planejam suas aulas, visando a construção de um ensino de história sobre os parâmetros de uma educação inclusiva. O texto sinaliza um esforço de aproximação crítica entre os debates produzidos na universidade com os espaços da escola e da sala de aula, preocupação atual e premente para uma licenciatura em História.

Por fim, na seção **RESENHA**, **João Lucas Poiani Trescentti** apresenta a obra do historiador Boris Fausto, intitulada *O crime da Galeria de Cristal: e os dois crimes da mala. São Paulo, 1908-1928. São Paulo: Companhia das Letras*, livro de um autor renomado na historiografia brasileira, mas que nessa obra em específico adota um recorte, uma temática e uma narrativa capaz de atingir um público amplo, sem abdicar, contudo, do rigor historiográfico e do tratamento crítico das fontes, uma estratégia de aproximação com um público mais amplo, que é muito bem-vinda na contemporaneidade.

Encerrando de forma apoteótica o presente número da Revista Trilhas da História, temos a resenha da obra *Mulheres e caça às bruxas: da Idade Média aos dias atuais. São Paulo: Boitempo, 2019*, da pesquisadora italiana Silvia Federici. O texto da resenha é assinado por **Kathiusy Gomes da Silva** e **Mariana Esteves de Oliveira** que apresentam o texto numa sistemática de diálogo com a obra anterior *O Calibã e a Bruxa* da mesma autora. Nesse enredo as autoras apresentam a existência, permanência e persistência de um amplo e profundo processo de perseguição e disciplinarização dos corpos femininos, da sociabilidade e da reprodução, que estruturam mecanismos de divisão sexual que desvalorizam os papéis e os trabalhos das mulheres na sociedade capitalista contemporânea. Essa historicização das formas de violência contra os corpos femininos é fundamental para pensarmos a desigualdade, bem como as diversas formas de violência naturalizadas pelos discursos conservadores, sobre os quais, algumas doses de história são uma terapêutica importante.

Dessa forma, defendemos que todas essas trilhas analíticas apontadas pelos autores do presente número, possuem o potencial de esclarecer caminhos possíveis e necessários para o saber histórico contemporâneo. As trilhas não só apontam para a existência de lugares/perspectivas diferentes, mas também atuam como meio que aproxima lugares, encurtando distâncias, viabilizando diálogos e aproximações. Esta também é uma característica que pode ser evidenciada no presente número da revista Trilhas da História, que apresenta uma grande diversidade de instituições a partir das quais falam os autores e suas pesquisas. Dessa forma, estamos a partir do curso de História do CPTL/UFMS conectando lugares, instituições e pessoas de diferentes regiões do Brasil pelas trilhas do conhecimento.

Nós do conselho editorial, convidamos a todos (as) a se aventurarem nessas trilhas, sabedores de que nada temos a perder, exceto os nossos grilhões.

Três Lagoas, junho de 2020